

Um anjo-árvore da Amazónia

Ana Marques Gastão

Vicente Franz Cecim transfigurou a Amazónia fixando-a em Andara, semente que se tornou numa obra que tem vindo a ser criada desde 1979. Revolucionou a narrativa brasileira e acaba de lançar ‘K O escuro da semente’



Fundindo géneros – poesia, prosa, ensaio –, é na onírica Andara transfiguradora da Amazónia, espécie de “região metáfora da vida”, que Vicente Franz Cecim escreve todos os seus livros, obra única em diálogo com filósofos, poetas e místicos numa comunidade sem diferença ontológica entre seres humanos, animais ou plantas. Cintilante e visionária, a “escritura” do autor de *K O escuro da semente*, agora publicado em Portugal, reinventa o mundo.

Desde 1979, dedica-se à criação de *Viagem a Andara*, o livro invisível, originado na mítica Amazónia. Acaba de ser publicado em Portugal *K O escuro da semente*, prosseguindo esse caminho. É uma espécie de Ítaca, Andara? Aproximar-nos de Andara e da Amazónia nela transfigurada por meio de Ítaca pode ser uma das vias. Homero e os dedos róseos da aurora. Se Andara fosse Ítaca, eu seria Ulisses? Hipótese atraente, que promete os delírios do leito de Circe, o canto das sereias...

Mas não é só isso que busca? Não, não é só isso o que busco e o que me busca. E não sozinho. Somos todos Ulisses tentando voltar para casa. E onde, a casa? No campo de batalha e colheita que é o cosmos, com seus buracos negros famintos, galáxias nascendo e morrendo, enquanto florescemos e fenecemos sobre a terra. Às vezes uma ave canta para nós e os homens se mordem como feras quando perdem de vista a ternura e a infância. Suspeito que, no profundo de nós, queremos o menos que é o mais, esse mais que é o retornarmos à origem sagrada do humano.

Na sua viagem literária está sempre presente o diálogo entre visível e invisível? Em Andara, somos todos transeuntes na passagem que vai do visível ao invisível e deles retorna, ascensões e quedas. Como neste *K O escuro da semente*, que acaba de ser publicado em Portugal.

Que outros passos podemos dar no mundo de Andara? Ah, antes de penetrar mais em Andara, teremos ainda de passar pelo palácio da memória de Santo Agostinho. E isso nos dirá menos obscuramente o que é Andara, que já antecipo como lugar de sonhar e lugar de todos os lugares, que tudo absorve e se abre para tudo conter em si. Recordo uma frase que está na abertura do segundo livro escrito de Andara, de 1980, *Os animais da terra*. Naquele livro, já se dizia: “– Embora a ave mais bela seja aquela que se recusa a voar”. É nessa frase que se acha e se perde Andara, toda imersa em suas dobras.

E essa recusa do voo remete-nos para quê? Para a contemplação, o *wu wei*, o não-agir do Tao, ou exige outras asas que realizem o autêntico voo adormecido em nós, homens? Não sei, tantos livros depois, ainda não sei, e ainda busco a resposta. Se há resposta. Me sinto um anjo caído, que sabe coisas que não sabe e que não pode revelar. Por isso escrevo Andara há todos esses anos, e só os livros de Andara. Para que outros, lendo, se revelem a si mesmos o que para mim continua oculto e é somente vislumbrado.

Neste seu livro *K O escuro da semente*, como na restante obra, homens, mulheres, animais, filósofos e poetas vivem num mesmo território de estranheza. É de uma comunidade que fala? Sim, de toda uma comunidade onírica de seres e coisas, sem distinções, que avança misturando as suas vozes, entoando em coro este canto: “Atravessar o que nos nega, chegar ao Sim”.

Essa é a exigência radical de Andara, a da queda? O homem precisa se deixar cair do ponto insustentável onde se instalou para ter o direito de adquirir asas. Será durante a sua queda que irá descobrir a leveza possível. Agarrado em seu tronco, pendurado de si mesmo como

se mantém, auto-suficiente fruta que não dá frutos, como poderá cumprir a sua missão de semear-se, de semear a coisa humana na terra e ser a chuva inversa dos céus? Em Andara está tudo caindo e tudo subindo. Andara é esse se cruzar no meio do caminho entre a asa e a serpente, passando pelo homem agarrado em seu tronco e lançando sobre ele clarões e sombras para que finalmente veja: a terra lá no alto, o céu embaixo de si.

Como vê o mundo literário no contexto da sua obra? De um ponto de vista exterior, o ponto de vista do que se chama literatura, *K O escuro da semente* surge num tempo em que a literatura agoniza por toda parte, na insensibilidade, no cinismo, abandonada em mãos de astuciosos artesãos falsificadores de palavras e oferecida como produto a ser consumido avidamente por leitores mortos. Os livros de Andara querem a ressurreição do leitor.

Que tipo de leitor quer Andara? O leitor vivo, não-passivo, co-autor. É nesse crepúsculo triste que *K* se recusa a cintilar passivamente, ignorando a noite próxima. *K* é um livro que se propõe em iconescritura, falando aos olhos onde as palavras calam. Antes dele, já em plena noite da literatura, outro livro visível de Andara, *Ó Serdespanto*, também lançado em Portugal, em 2001, e ainda inédito no Brasil, se quis apenas escritura, a única via para uma possível salvação da literatura.

Crê na morte da literatura? Devemos salvar a literatura de sua agonia? Ou deixar esse organismo agonizante definitivamente de lado e dar espaço à florescência de um outro corpo de presença da palavra, vivo? O que Andara persegue? A palavra praticada como vida, a literatura praticada como ontologia.

O processo de escrita destes livros tem, de algum modo, a ver com o auto-retrato ou a auto-representação?

Com o vazio que transborda. É ele que nos escreve. Fui fazendo essa descoberta à medida que ia criando os livros visíveis de Andara. Andara me escreve, por isso escrevo Andara, que é a Amazónia onde nasci transfigurada através de mim. Se eu não dedicasse toda a minha vida a praticar essa alquimia de me tornar cada vez mais um ser de escritura e cada vez menos um homem escritor, Andara não existiria. Andara é um ser de espanto geográfico. A Amazónia, a geografia espantosa. É a natureza sagrada que torna possível essa impossível Andara.

“Não sendo mais literatura”, como diz, a sua escrita inscreve-se no território do que é mais frágil e fulgurante? Um território em que tudo está em infusão, sim, claro-escuro, submerso na antiga alquimia das palavras, onde tudo cesse suas vidas separadas e se funda no uno: prosa, poesia, meditações, reflexões, texto em escritura, a iconescritura, insectos e homens, o visível e o invisível, o dito e o não dito, o silêncio e a voz, a página branca e a página escrita, o sonhado e o vivido. Andara quer a fusão total, quer a fissão que abra a fenda por onde tudo se reencontre na unidade original.. Nesse sentido, a poesia, o amor estão do lado de um não poder, no sentido da sua recusa? Andara ainda busca “a amizade das coisas pelas coisas”.

‘Devemos salvar a literatura da sua agonia? Andara persegue a palavra praticada como vida, a literatura como ontologia’, diz Vicente Cecim

Essa procura manifesta-se como em K? No céu, na terra, no silêncio da página em branco, na palavra erguida em ruínas, nas imagens que falam caladas. *K*, como os outros livros de Andara, busca em toda parte.

Aboliu o acto de “contar uma história”? Não, para despertar a literatura com outras vozes não é necessário calar as histórias. A minha Amazónia, que prefiro chamar de floresta sagrada, é um imenso labirinto de lendas, fábulas, mitos, histórias que se contam e são contadas sem limites nem fronteiras entre real e imaginário. E assim também é *K O escuro da semente*. Uma alegoria, uma liturgia que conta a história de K, letra que ascendeu do alfabeto humano e nos céus pousou na mão esquerda de Ó, estando, para sua surpresa, a sua mão direita agora vazia.

A sua obra é, sobretudo, indagação, pergunta. Que procura quando escreve, que recebe quando o faz? A imaginação é a nossa maior boca de perguntas. Uma vez eu disse: “Em Andara, se a pedra se pergunta: Um dia serei semente, e serei árvore, e darei frutos? Se o vento se pergunta: que pulmão me emite como voz sem palavras? Se o homem se pergunta: é a minha sombra mais real que eu?” Todas as perguntas deixam de o ser no momento em que são feitas e se tornam realidades de Andara.

Andara é a certeza da dúvida no ser humano? Reconhecendo a ignorância humana, Andara é terra de hipóteses. Andara é, fosse, seria, é quem sabe. Melhor assim do que a arrogância tola de um saber que ainda não temos. Mas não sou um pessimista: eu disse: um saber que ainda não temos. I

E depois das palavras?

Andara começou por ser semente, depois arbusto, depois a Amazónia inteira – tecido infundável de histórias míticas e de fábulas –, depois árvore que dá frutos e se transforma em “região-metáfora da vida inteira”, depois floresta que quer ir do visível ao invisível. Andara não tem fim. Em Andara o texto é textura, de acordo com a metáfora medieval. Andara é Vicente Franz Cecim “em escritura de si mesmo”, notável escritor paraense (Belém, Brasil) que a criou enquanto “geografia verbal” e lugar sagrado.

Vicente Franz Cecim nasceu na Amazónia, dedicando-se, desde 1979, à criação de uma única obra, *Viagem a Andara*, o livro invisível, um não-livro de onde nascem os outros, os visíveis, que o compõem, entre os quais 13 foram publicados no Brasil e um deles, *Ó Serdespanto*, em Portugal pela mão de António Cabrita (Iman, 2001), então apontado pela crítica portuguesa como um dos melhores lançamentos do ano. Entre os títulos deste longo caminho, *A asa e a serpente*, *Terra da sombra e do não*, *Silencioso como o Paraíso*. *K O escuro da semente* acaba de ser lançado entre nós (Ver o Verso). Prémio de Revelação de Autor da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA, 1980), Menção Especial no Prémio Literário Internacional Plural no México, (1981), Grande Prémio de Crítica da APCA (1988), Vicente Franz Cecim, pertencente à linhagem de um Guimarães Rosa, faz coabitar na sua escrita de Andara filósofos e poetas, místicos e insectos, aves e serpentes, viajando por dentro das coisas com a estranheza de quem levita como “um anjo deserdado”, como escreve o poeta Fabrício Carpinejar. A “escritura” de Cecim, que convoca uma comunidade de géneros – prosa, poesia, ensaio – é linguagem poderosa no neologismo e na metaforização e lida com as palavras em deslocação, tornando-se matéria de um idioma outro – um antes da linguagem –, o do invisível (“Para onde iremos, homens, depois das palavras?”). Tudo circula num labirinto de fragmentos e fracturas entre luz e sombra, não existindo diferença ontológica entre seres humanos, animais e plantas, animados e inanimados. Vicente abandona a literatura para se perder no infinito, arrancando o leitor à visão funcional das coisas. Escreve na sua inquietude visionária, rebelde, constrói uma arquitectura sonora e ascética. Sabe que “a solidão é um homem, um osso ou um animal.” I

Vicente Franz Cecim	
K O escuro da semente	
Ver o Verso	
334 páginas	